



CINE TEATRO

Gloria

JUIZ DE FORA — MINAS GERAIS

Sexta-Feira, 1 de Janeiro de 1954 em Matinée e Soirée

Formidável estréia da fantástica temporada de Tela e Palco
Última tournée pelo Brasil do grande mágico Ilusionista

ROCAMBOLE

O HOMEM DEMONIO

e seu espetáculo de mistérios

100 ilusões. 5 toneladas de material. Magnífica apresentação cênica.
Luxuosos cenários de veludo e seda avaliados em 250 mil cruzeiros.
Multidões de fantasmas invisíveis ajudam ao mago nas suas experiências
cômicas, intrigantes e sobrenaturais

Um espetáculo maravilhoso
de arte, luz e alegria

Mais sensacional que um
drama

Mais luxuoso que uma
revista

Mais divertido que um circo

Mais rápido que um filme



5 únicos dias de despedida

ROCAMBOLE apresentará na sua última temporada as
seguintes novidades

A Mala Chinesa - A Rainha do Dado - A Guillotina de Maria
Antonietta - Os Pombos do Csar - As Pernas de Eva - O Bar
Misterioso - A Misteriosa Boneca Japonesa, que desaparece à
vista do público - A MULHER FANTASMA - Experiência que
desvirtua todas as teorias geométricas e a colossal novidade,
mais discutida no momento Sombras em Relevo em
3.ª Dimensão

Em Matinée e Soirée nos dias 1 - 2 - 3 - 4 e 5 de Janeiro de 1954, co-
lossal brinde de festas para a culta cidade de Juiz de Fora

NA TELA — Notáveis Filmes

NO PALCO — Grandiosos programas por

ROCAMBOLE

Preços Populares

Adeus ao Brasil

CENTRAL

CIA. CENTRAL DE DIVERSOES — TELEFONE 1444

Espetáculos líricos!

Verdadeiro acontecimento artístico social!

Sexta-feira, dia 22

O GUARANY

Domingo, dia 24

O TROVADOR

Terça-feira, dia 26

FAUSTO

Artistas líricos mundialmente aplaudidos!

Corpo coral e de bailados!

Poltronas numeradas e Galerias	Cr\$ 50,00
Camarotes	Cr\$ 250,00
Gerais	Cr\$ 30,00

Ingressos já à venda, com grande procura, na bilheteria do Central, das 10 às 12 e das 14 às 16 horas

**ESPETACULOS
LIRICOS!**

**CINE
TEATRO CENTRAL**

**Verdadeiro acontecimento
artístico social!**

COA. CENTRAL DE DIVERSOES — TELEFONE 1044

Sexta-feira, dia 22

O GUARANY

Domingo, dia 24

O TROVADOR

Terça-feira, dia 26

FAUSTO

Artistas liricos mundialmente aplaudidos!

Corpo coral e de bailados!

Poltronas numeradas e Galerias . Cr\$ 50,00
Camarotes Cr\$250,00
Geraiis Cr\$ 30,00

Ingressos já à venda, com grande procura,
na bilheteria do Central, das 10 às 12 e
das 14 às 16 horas

AO PUBLICO

DE JUIZ DE FORA

A Cia. Central de Diversões, com a colaboração do Snr. Olavo Costa, DD, Prefeito, tem a grata satisfação de anunciar ao distinto publico de Juiz de Fora a realização de espetáculos líricos, que serão realizados nos dias 18, 20 e 22 do mês de Janeiro de 1954, no Teatro Central, quando serão encenadas as operas «**O Guarany**», de Carlos Gomes ; «**Fausto**», de Gounoud, e «**O Trovador**», de Verdi.

Este empreendimento, para o qual não mediram sacrificios a Diretoria e o Conselho Deliberativo da Cia. Central de Diversões, representa uma grande dádiva para o publico de Juiz de Fora, em razão das dificuldades e dos elevados preços que se conseguem tais representações. Aquela Companhia, neste ensejo, faz um apêlo ao público no sentido de emprestar todo o apoio afim de que se possa repetir nesta cidade espetáculos líricos e possivelmente até aumentar o numero dos que estão programados.

As representações líricas ora anunciadas constituirão verdadeiros acontecimentos artisticos-sociais, já que teremos ensejo de aplaudir artistas como **Maria Sá Earp, Colosimo, Maria Henriques, Wilma Wallace, Lourival Braga** e o grande baixo **Carlos Walter**, além de outros nomes consagrados.

Os ingressos, ao preço de Cr\$ 50,00 para as poltronas numeradas e galeria; Cr\$ 250,00 para os camarotes e Cr\$ 30,00 para gerais, estarão à venda já a partir do dia 4 de Janeiro, no Teatro Central.



CIA. CENTRAL DE DIVERSÕES — TELEFONE 1444

Hoje - Sexta-feira, 22 de Janeiro de 1954

Horario: 20 horas

A Cia. Central de Diversões, com a colaboração do Sr. Olavo Costa, DD. Prefeito Municipal, tem a satisfação de proporcionar ao público de Juiz de Fora a representação de

O GUARANY

Opera em 4 atos, de A. Carlos Gomes

Cecilia. MARIA SÁ EARP
Pery ALFREDO COLOSIMO
Gonzalez. LOURIVAL BRAGA
Cacique. CARLOS WALTER
Don Antonio. GUILERME DAMIANO
Don Alonso. ANGELO MATIAZZO
Ruiz. NESTOR ARAUJO
Don Alvaro. ERALDO DE MARCO

Maestro Diretor e Concertador de Orquestra : MARIO DE BRUNO

Regisseur : CARLOS MARCHESE

Maestros substitutos : CLAUDIA MORENA e ELLA PADORLSKY

40 Professores de Orquestra, com a cooperação da Orquestra Filarmonica de Juiz de Fora, do Maestro MAX GEFTER.

Corpo de baile do Balet Minas Gerais, de Belo Horizonte, sob a direção do Professor Carlos Leite.

A Direção da Temporada, afim de atender interesse geral, espera a colaboração da culta e distinta platéia, no sentido de evitar a entrada na sala de espetáculo depois da cêna aberta

O GUARANI

Ópera em 4 atos; música de Antônio CARLOS GOMES; libreto de Scalvini, baseado no romance "O Guarani", de José de Alencar.

A abertura d'"O Guarani" figura, com justiça, entre as peças de concerto favoritas no mundo inteiro. Sua entrada grandiosa prepara admiravelmente a brilhante cena com que se inicia a ópera.

1.º ATO

Esplanada fronteira ao castelo de D. Antônio.

Ao levantar-se o pano, vemos um grupo de caçadores, entre eles Don Álvaro, González, Ruy e Alonso. Dom Álvaro é o homem destinado por Dom Antônio para espôso de sua bela filha Cecília.

Apresenta-se D. Antônio e, depois de dar boas-vindas a todos, comunica que, enquanto caçavam, um dentre eles, por erro grave, ofendera u'a mulher da tribu dos Aimorés, e que esses índios, agora, buscavam vingança.

Perí, chefe da tribu guarani, amigo da gente de D. Antônio e levado pelo amor secreto que dedica a Cecília, ofereceu seu braço e seus homens para dar combate à tribu inimiga.

Neste momento, corta os ares a voz de Cecília, entoando um canto amoroso, no qual expressa a candura de seu jovem coração ("Gentile di cuore").

Com irreprimível frieza, Cecília recebe Don Álvaro, extranhando D. Antônio que sua filha baixe os olhos e empalideça; é que êle ignora que a escolha do genro que fez não é a mesma do coração de sua filha.

Um sino toca à oração e todos se ajoelham para rezar a Ave-Maria; D. Antônio pede à Virgem que aplaque a ira do inimigo para que as espadas não se cubram novamente de sangue.

Ao terminar a oração, González murmura alguma coisa aos ouvidos de Alonso e Ruy, mas Peri ouve também e jura prevenir a traição de que falam.

Entram todos no castelo, menos Cecília, que se detém no umbral, ao notar que Peri se afasta por outra direção. Chama-o a jovem e lhe pergunta porque não entra também no castelo. "Sou apenas um humilde escravo", responde Peri. "Que dizes?" — retruca Cecília — não foste acaso tu quem me salvou a vida?"

Mas Peri sabe que Álvaro ama a Cecília e acredita ser inútil uma disputa com êle.

"Dize-me, acrescenta a jovem — porque demonstras tanto cuidado comigo?". Com eloquente sinceridade, Peri confessa: "Sento una forza indomita que sempre me atrai a ti!"

Neste belo dueto, Peri e Cecília se declaram seu mútuo afeto. A fluidez do movimento como de barcarola, com que começa o número, conduz, por meio de uma passagem de harpa, u'a melodia expressiva. E' interessante notar que tanto Peri na primeira parte, como Cecília na segunda, expressam quasi os mesmos sentimentos, mas o compositor conseguiu, devido a um tratamento musical diferente do mesmo tema, retratar os caracteres dos amantes.

Depois de uma apaixonada secção para ambas as vozes, o dueto termina com a recapitulação do gracioso primeiro tema, jurando-se ambos amor eterno.

Cecília entra no castelo, enquanto Peri, com o coração transbordante de alegria por saber-se amado, afasta-se lentamente.

2.º ATO

QUADRO I — A GRUTA DO SELVAGEM

É noite. A um lado, vê-se uma ampla gruta e, do outro, um bosque espesso. Próximo à gruta, um grosso tronco de árvore abatida por um raio.

Peri aproxima-se com andar cauteloso e perscruta as trevas.

O tórvo olhar do espanhol e suas palavras apenas murmuradas a seus companheiros são provas da traição que se prepara.

Mas, um misterioso pressentimento atormenta o espírito de Peri, repetindo-lhe sempre: "Socorre àquela que tu amas!"

González, Ruy e Alonso chegam cautelosamente e avançam até a gruta. González expõe seus companheiros que conhece o mistério de u'a mina riquíssima, de pura prata, e que está disposto a dividir a fortuna com seus cúmplices, desde que eles se disponham a firmar um pacto. E acrescenta: "Pela gentil Cecilia, ardo de imenso amor... Irei arrancá-la do pai, do noivo, de todos... jurai auxiliar-me" ... "Juramos!" respondem em coro os companheiros. Neste instante, porém, ouve-se um grito terrível: "Traidores". Ruy e Alonso internam-se no bosque e fogem.

Peri sai de seu esconderijo e enfrenta González. Este vai feri-lo com seu punhal, quando a mão ágil do indígena tritura o braço do agressor, fazendo-o soltar a arma. Peri podia matá-lo, mas poupa-lhe a vida com a condição de que ele deixará imediatamente aquelas terras.

Com hipócrita humildade, González aceita a condição, embora intimamente resolvido a não cumprir a promessa.

QUADRO II — HABITAÇÃO DE TÓSCA APARÊNCIA

Ruy e Alonso puseram-se de acôrdo com um grupo de aventureiros, aos quais nar-
raram os plano de González, cuja coragem exalçam por haver ficado só frente ao perigo.
Imediatamente, chega González, com a maior desenvoltura; todos os conspiradores,
em côro, juram-lhe sua adesão ao plano.

Alonso, todavia, continua preocupado pelo grito ouvido nas trevas e diz a Gonzá-
lez de seus temores. Este, porém, para o não desanimar dos intentos comuns, afirma-lhe
ter sido apenas uma ilusão de seu espirito fantasioso. O que convém agora é pôr
mãos à obra, pois, antes que desponte o sol, a empresa deverá estar cumprida. Para isto
é indispensável enganar D. Antônio, com astúcia, fazendo-lhe crer que esta noite é noite
de regozijo. Ordenando que encham de vinho os copos, González entoa a canção do aven-
tureiro ("Senza tetto, senza cuna").

Nesta alegre romanza, expressa com fanfarronadas a vida de aventuras que levam, e
na qual, embora não tenham nem teto nem cama, jamais lhes falta um copo de bom vinho.
Sendo González espanhol, seus sentimentos são descritos ao ritmo brilhante de uma segui-
dilha, com o chasiquear de castanholas e côro dos companheiros.

Um sino toca a meia-noite e González, em tom misterioso, recomenda cautela. Quan-
do der êle o sinal (mostra-lhes uma pistola), todos, como um só homem, devem cumprir
as ordens e isto sem demonstrar vacilação ou temor.

QUADRO III — HABITAÇÃO DE CECÍLIA

Cecilia se encontra só em casa; contempla a beleza do céu e se pergunta porque a
natureza, na hora do silêncio, penetra extranhamente su'alma e lhe fala de amor! Toma
em seguida a guitarra e canta uma balada ingênua, uma espécie de conto no qual um prin-
cipe, jovem, belo e sonhador, embora sendo a glória do palácio, não podia amar. Um dia,
porém, encontrou uma jovem pobre, mas de peregrina beleza, que o deixou estático e per-
dido de amores ("C'era una volta um príncipe").

Ao terminar a balada pensa novamente em Perí, exclamando: "Todos devemos amar!".
E, feliz com o amor que lhe enche o coração, dirige-se lentamente a sua alcôva.

Mal se retira Cecilia, González penetra pela janela, com zelo e precaução.

Tudo está em silêncio. É o grande momento de González e este, no entanto...
treme. Em breve, o destino decidirá. O aventureiro acende uma luz e levanta a cortina da
alcôva, na qual a jovem dorme tranquilamente. Como é bela!... González farta-se na
contemplação do quadro! Vai arrojarse sobre a vítima indefesa, quando Cecilia, des-
pertando sobressaltada, lança um grito de terror.

Os instintos despertos, o aventureiro transforma-se numa besta humana. Sua paixão
selvagem o impele para a vítima; mas, no momento em que levanta o braço direito para
o golpe... uma flecha penetra pela janela, e depois de ferir a mão do desalmado, vai
incrustar-se na parede. Cecilia reconhece a flecha de Perí.

Chegou o momento terrível e decisivo: o tiro que dispara González dá o sinal con-
vencionado. Don Álvaro acode aos gritos de Cecilia, chegando simultâneamente Ruy e
Alonso e seus companheiros. Pouco depois, Don Antônio e um punhado de homens leais,
Perí aparece na janela e acusa a González como o traidor: a mão ensanguentada do as-
saltante é uma prova irrecusável.

Neste momento, porém, ouve-se ao longe o soar fragoroso dos instrumentos selva-
gens. Todos ficam mudos e aterrados. Quem se aproxima? São os índios aimorés, que
sitiam o castelo.

O inimigo comum os faz por um momento esquecer suas lutas e inimizades. Gon-
zález exclama que se unam todos e se preparem para o combate ao índio inimigo. E ter-
mina o ato com o grito geral de "As armas! As armas!".

3.º ATO

O CAMPO DOS AIMORÉS

Encontramo-nos agora no campo inimigo: o Cacique, com sua horda selvagem, está perto do castelo, que se vê ao fundo: O acampamento tem um aspecto animado: reparam-se os estragos da refrega anterior: mulheres atendem os feridos, ou preparam bebidas para os guerreiros. A luta foi terrível, cruel, implacável... mas não terminou ainda. Prepara-se um novo ataque, mais sangrento e mais feroz.

Cecília encontra-se prisioneira. Apresentando-se o Cacique, ordena que lhe tragam a filha do odiado português. Os índios em massa levantam suas armas para matar Cecília, mas o Cacique intervém. E, ao contemplar a jovem, fica fascinado com sua beleza, propondo-lhe fazê-la a rainha da tribo.

Neste momento, os selvagens trazem um novo prisioneiro: Perí. Pergunta-lhe o Cacique que pensamento o impeliu até o campo inimigo, ao que responde sombriamente o guarani: "Uma eterna e única idéia!". Veio disposto a matar o Cacique, mas a sorte o atraçou.



CIA. CENTRAL DE DIVERSÕES — TELEFONE 1444

Hoje - Domingo, 24 de Janeiro de 1954

Horario: 20 horas

A Cia. Central de Diversões, com a colaboração do Sr. Olavo Costa, DD. Prefeito Municipal, tem a satisfação de proporcionar ao público de Juiz de Fora a representação de

O TROVADOR

Opera em 4 atos e 4 quadros de G. VERDI

Manrico	ASSIS PACHECO
Leonora	WILMA WALLACE
Conde de Luna	LOURIVAL BRAGA
Ferrando	JORGE BAILY
Açucena	MARIA HENRIQUES
Inéz	RENATA RENATI
Camponez	ANGELO MATIAZZO
Ruiz	ERALDO DE MARCO

Maestro Diretor e Concertador de Orquestra : MARIO DE BRUNO
Regisseur : CARLOS MARCHESE

Maestros substitutos : CLAUDIA MORENA e ELLA PADORLSKY
40 Professores de Orquestra, com a cooperação da Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora, do Maestro MAX GEPTER.

Corpo de baile do Ballet Minas Gerais, de Belo Horizonte, sob a direção do Professor Carlos Leite.

.....
A Direção da Temporada, afim de atender interesse geral, espera a colaboração da culta e distinta platéia, no sentido de evitar a entrada na sala de espetáculo depois da cêna aberta

IL TROVATORE

PRIMEIRO ATO

QUADRO I — PÁTIO DO PALÁCIO

Fernando, capitão dos guardas do conde de Luna, narra aos soldados a história de uma cigana que foi queimada viva, por haver enfeitado o mais moço dos dois filhos gêmeos do pai de seu amo, e que, para vingar-se, a filha da velha cigana roubou o irmão do conde e o queimou vivo no lugar em que havia sido executada sua mãe.

Todos se vêem possuídos de imenso terror, quando soam as badaladas da meia-noite.

QUADRO II — JARDINS DO PALÁCIO

Nos jardins do Palácio, passeia a bela Leonora com sua dama de companhia, Inês. Confessa-lhe o seu amor por um jovem desconhecido que saíra vitorioso em um torneio recente. E sabe que o seu amor é correspondido, pois o desconhecido veio fazer uma serenata ao pé de seu balcão e, por isso, chamam-no "o trovador".

Numa linda ária — "Tacea la notte" — fala desta serenata e das estranhas emoções que lhe despertou no coração. As damas entram e o conde de Luna chega ao jardim.

Ao ver luz nos apartamentos de Leonora, pensa em subir e falar-lhe do seu imenso amor, mas, neste momento, ouvem-se os acordes de um alaúde e isso detém o conde.

É o trovador que vem cantar para Leonora. O conde de Luna embuça-se em sua capa e Leonora crê ser êle Manrico. O Trovador que momentos após entra nos jardins do Palácio é instado pelo conde e se dá a conhecer. Os ciúmes do conde e a sua cólera não conhecem limites: desafia o trovador para um duelo e êste aceita o repto. Os dois rivais colocam-se em guarda, as espadas nuas, no campo da honra. Leonora, que em sua angústia não pode lançar um grito, temerosa de atrair a guarda, impede o duelo colocando-se entre as duas espadas. E assim termina o primeiro ato.

SEGUNDO ATO

QUADRO I — UM ACAMPAMENTO CIGANO NA VISCAIA

Uma choça deserta e em ruínas... ao fundo, arde uma fogueira. Os ciganos entoam o esplêndido "Côro dos Ferreiros", o ritmo marcado pelos martelos sôbre as bigornas. Manrico está deitado em um colchão, o elmo aos pés, e, entre as mãos, a espada que contempla atentamente. A velha Açucena não aparta um momento os olhos do fogo. Quando os ciganos fazem uma pausa para descansar, ela começa a cantar, como se o fizesse para si mesma, dizendo da visão que lhe toma o pensamento, ao contemplar as chamas.

Narra o trágico fim de sua mãe, devorada pelas chamas e conta como, em seu delírio de vingança, atirara ao fogo o próprio filho, ao em vez do filho do conde.

"“Stride la vampa” é uma melodia perfeitamente moldada ao caráter da velha cigana e da horripilante cena que descreve. Manrico pergunta-lhe se, então, não é seu filho e Açucena responde com uma evasiva, falando-lhe do cuidado com que tratou seus ferimentos recebidos

numa batalha entre as forças de Viscaia e Aragão. As forças inimigas iam comandadas pelo jovem conde de Luna, com quem, pouco antes, Manrico ia bater-se em duelo. Pergunta, então, ao trovador, porque não matara o conde. Manrico responde em uma melodia suave e fluente, porém com certo ar marcial, dizendo não saber como explicar o sucedido. O conde estava à sua mercê. Canta então a ária "Mal reggendo"...! A música se torna mais agitada quando Açucena censura amargamente a Manrico por haver poupado o conde e o instiga a que o mate quando se apresentar outra oportunidade. Chega um mensageiro e entrega a Manrico um recado de Ruiz: "Tomamos Castellar e, até o regresso de Urgel, é preciso chefies a defesa. Vem imediatamente! Enganada pela falsa notícia de tua morte, Leonora entrará para sempre em um convento."

Manrico parte em seguida e corre para impedir a resolução de Leonora sem atender às súplicas e os temores de Açucena.

QUADRO II — UM CONVENTO NAS CERCANIAS DE CASTELLAR

E' noite. O conde de Luna, Fernando e alguns sequazes aproximam-se cautelosamente, embuçados em seus mantos. O conde planeja raptar Leonora e, certo de seu sucesso, dá vazas à alegria que lhe enche o coração, antegozando o triunfo na ária "Il balem del suo sorriso". Um sino anuncia a chegada do novo dia. Afastam-se os sequazes do conde e este, olhando o caminho pelo qual virá Leonora, diz para si, em um momento de apaixonada emoção, já que se aproxima o instante em que se vai decidir sua sorte para sempre. Ouve-se o "Côro das Monjas", vindo do interior do convento, aparecendo elas em seguida, acompanhadas de Leonora. Vão para a capela onde se efetuará a cerimônia. Leonora despede-se de Inês, e, quando vai entrar na capela, o conde de Luna intercepta-lhe os passos e vai apoderar-se da jovem, pela força, quando surge Manrico. Um grito geral ecôa nos ares. Com Manrico vem Ruiz e um punhado de homens que lutam com os soldados do conde, protegendo a fuga de Leonora e Manrico.

TERCEIRO ATO

QUADRO I — ACAMPAMENTO DO CONDE DE LUNA

O Conde de Luna sitiou Castellar, para onde Manrico levara Leonora. Seus sequazes prepararam-se para o ataque e entoam o "Côro dos Soldados", enquanto se afastam, e suas vozes vão se fazendo mais suaves até desaparecer ao longe. Chega Fernando com a notícia de que uma cigana fôra aprisionada, rondando o acampamento. Suas respostas dão ao conde a intuição de que aquela mulher tem algo de relação com os terríveis acontecimentos de sua infância. Fernando assegura reconhecer nela a cigana que queimara o irmão do conde. Açucena, ao ver-se perdida, deixa escapar o nome de Manrico e, ao saber o conde que ela cita o trovador, como seu filho, jura uma terrível vingança, enquanto os soldados levam Açucena.

QUADRO II — SALA DE CASTELLAR

Dentro das fortificações de Castellar, Manrico e Leonora esperam a hora fixada para o casamento, temendo, porém, algum inesperado ataque do conde de Luna. A fim de acalmar os temores de Leonora, Manrico fala-lhe de seu grande amor, numa ária cuja melodia reflete bem o seu

CENTRAL

CIA. CENTRAL DE DIVERSOES — TELEFONE 1444

Hoje - Terça-feira, 26 de Janeiro de 1954

Horario: 20 horas

A Cia. Central de Diversões, com a colaboração do Sr. Olavo Costa, DD. Prefeito Municipal, tem a satisfação de proporcionar ao público de Juiz de Fora a representação de

FAUSTO

DE GOUNOD - Em 4 atos e 6 quadros

Fausto	ALFREDO COLOSIMO
Margarida	LIA SALGADO
Mefistofeles	CARLOS WALTER
Valentim	LOURIVAL BRAGA
Marta	GENUINA PINHEIRO
Siebel	MARIA LUCIA GODOY
Wagner	GILBERTO RODRIGUES

Maestro Diretor e Concertador de Orquestra: MARIO DE BRUNO

Regisseur: CARLOS MARCHESE

Maestros substitutos: CLAUDIA MORENA e ELLA PADORLSKY

40 Professores de Orquestra, com a cooperação da Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora, do Maestro MAX GEFTER.

Corpo de baile do Ballet Minas Gerais, de Belo Horizonte, sob a direção do Professor Carlos Leite.

A Direção da Temporada, afim de atender interesse geral, espera a colaboração da culta e distinta platéia, no sentido de evitar a entrada na sala de espetáculo depois da cêna aberta

FAUSTO

Ópera em 5 atos. Libreto de Barbier e Carré. Música de Charles Gounod, Estreada no Teatro Lírico de Paris, em 19 de março de 1858

PRIMEIRO ATO

Estúdio do Dr. Fausto

O sábio medita sobre os livros e pergaminhos e lamenta a inutilidade da ciência, invocando a morte para que venha dar-lhe repouso. Prepara um veneno, e quando vai bebê-lo, um coro de jovens faz ouvir seu alegre canto, e outro de trabalhadores, então hinos à Divindade.

Poderá o céu devolver-me a juventude, a fé e o amor? — diz Fausto — “Malditas sejam as voluptuosidades humanas e os laços que me retêm à existência, acrescenta, terminando por invocar o nome de Satanaz.

O demônio aparece rapidamente, sob o nome de Mefistófeles e entre ambos, se conclui um pacto, pelo qual Fausto vende a sua alma, para que o Diabo lhe devolva a juventude, e o faça gozar todos os prazeres terrenos.

Para demonstrar seu poder, Mefistófeles faz aparecer em uma visão repentina, a figura encantadora de Margarida.

A sua vista, Fausto não vacila mais e assina o pergaminho, vendendo assim, sua alma a Satanaz.

SEGUNDO ATO

Quermesse em uma praça de Franefort

Misturam-se, alegremente, estudantes, burgueses, soldados, crianças e mulheres. Entre a multidão estão SIEBEL e VALENTIN, este irmão de Margarida, a quem ela oferece uma medalha, para que o proteja na guerra.

Mefistófeles intervém no côro dos estudantes e canta sua canção referente ao mundo de quem é ministro Belzebú.

Depois de ler nas mãos de SIEBEL e Wagner, seus respectivos destinos, levanta um copo e brinda Margarida. O vinho, ao contacto do vidro se inflama, e, ante esse fenômeno, aterrorizados, todos sacam as espadas, e, Mefistófeles faz o mesmo, traçando com a ponta de sua espada, um círculo ao seu derredor, de maneira que quando se lançam sobre êle, os estudantes se detêm repentinamente, como ante uma barreira invisível.

A espada de VALENTIN cai em pedaços. "Vejam! — exclamam — possuis a fôrça do demônio" e apresentando-lhe os punhos das espadas em forma de cruz, fazem retroceder o ser infernal.

Fausto e Mefistófeles ficam a sós. Aquêle encantado pela lembrança da visão de Margarida, pede ao seu companheiro que o faça conhecê-la quanto antes.

Mefistófeles assim o promete. Reapparecem os estudantes e todo o povo, acompanhados de músicos. Os jovens dançam. Entre as moças vem

Margarida. Fausto lhe oferece o braço, ela não o aceita, mas Fausto assim mesmo fica subjugado pela beleza e a pureza da jovem, afastando-se da Quermesse com o seu companheiro diabólico.

TERCEIRO ATO

Jardim na casa de Margarida

SIEBEL entra pelo fundo, com um ramalhete de flôres, depositando sua doce mensagem no umbral da porta de Margarida. Entram Fausto e Mefistófeles, que observam SIEBEL. "Um tesouro mais convincente uniremos às flores de SIEBEL"; diz Mefistófeles.

Vou buscá-lo ! E conclui: Espera-me aqui. Mefistófeles parte e Fausto contempla a casa de sua amada. Volta Mefistófeles com um cofre de ricas jóias, o qual coloca na porta da casa, e ambos desaparecem antes da chegada de Margarida, que vem ainda turbada pelas recordações do arrebatado jovem que encontrou na Quermesse.

Assenta-se ela, e para distrair-se entoa a canção do Rei de Thule, interrompendo-se, porém, com a recordação de FAUSTO.

Ao dirigir-se à casa, encontra o cofre deixado por Mefistófeles, e depois da primeira surpresa, entretém-se em adordar-se com as jóias que êle contém, contemplando-se em um espelho que precavidamente havia deixado Mefistófeles.

A seguir entra Marta, seguida de Fausto e Mefistófeles.

Enquanto o cavalheiro se enamora de Margarida, Mefistófeles entretém a velha confidente de Margarida.

No passeio que os dois casais vão dando pelo jardim, Mefistófeles foge de Marta a quem abandona para invocar as potências maléficas, a fim de proteger os amores de FAUSTO e MARGARIDA.

Depois a jovem roga ao cavalheiro que parta, e se despedem.

Margarida, que havia entrado em sua casa, assoma à janela. FAUSTO e MEFISTÓFELES se aproximam novamente, e quando os amantes e se abraçam, o espírito do mal prorrompe em sarcásticas gargalhadas.

QUADRO I — Atrio de uma igreja

Margarida deseja rezar para implorar o perdão de suas culpas. A influência maligna de Mefistófeles, que está atrás dela, o impede. Ouve-se o cântico religioso interno e Mefistófeles grita à Margarida: "Estás condenada". A infortunada jovem, quase desfalecida, foge da igreja.

QUADRO II — Rua em frente à casa de Margarida

Os guerreiros, entre eles VALENTIN, (ignorante da desgraça de sua irmã), voltam da guerra. Ao vê-los, SIEBEL se alarma e VALENTIN adivinha na perturbação de seu jovem amigo que algo grave se passou. Afastam-se ambos e a seguir entram FAUSTO e MEFISTÓFELES.

O cavalheiro quer ver MARGARIDA e o demônio se empenha em dissuadi-lo, pois o melhor é abandonar para sempre a jovem, já que foi seduzida. FAUSTO insiste e então MEFISTÓFELES canta sua serenata burlesca. Em vez de MARGARIDA aparece seu irmão VALEN-